AS TRADUÇÕES DO *CLUBE DO LIVRO**

John Milton**

RESUMO: Este artigo examina as traduções do Clube do Livro entre 1943 e 1976, concentrando-se nas maneiras pelas quais as traduções foram alteradas para encaixar-se dentro das normas do Clube do Livro: referências sexuais, religosas, políticas e escatológicas foram cortadas e houve uma homogeneização do registro da linguagem.

UNITERMOS: Clube do Livro; Censura; Tradução; Adaptação.

1. INTRODUÇÃO

O *Clube do Livro*, que publicava edições mensais, distribuídas por correio ou por entregador, inicialmente existiu entre 1943 e 1976, e alcançou grande sucesso, com tiragens de até 50.000, um número significativo no Brasil, onde a tiragem média para um romance é de 3.000 exemplares. Suas publicações eram, na maioria, clássicos, tanto brasileiros quanto estrangeiros, embora, nos últimos anos desse período, *O Clube* tenha publicado vários romances policiais e de aventura, além de ter organizado um concurso de romances, publicando o romance vencedor.

Os prefácios e as introduções do *Clube do Livro* enfatizam seu papel iluminador, trazendo cultura ao povo brasileiro. Sua intenção era de "*recrear-lhes o espírito, ilustrá-lo e, quando possível, elevá-lo*" (Silas Marner: 6).

Porém, o que pretendo mostrar neste trabalho é que esse papel reconhecido foi solapado por fatores ideológicos, políticos e econômicos. Esse farol de cultura era uma empresa que tinha uma ligação forte com o regime militar (1964-1984), que não mostrava nenhum interesse nos fatores estilísticos das obras originais, que censurava a obra original quando ela continha material considerado politicamente ofensivo ao regime militar, quando tinha referências escatológicas ou sexuais ou quando era necessário reduzir o original ao número padrão de páginas (180 páginas de 1960 até 1970 e 160, após 1970), embora algumas obras, tais como *Iva-*

* Traduzido do original em inglês pelo autor.

** Universidade de São Paulo.

nhoé, *O Morro dos Ventos Uivantes* e *As Aventuras de Huck* fossem publicadas em dois fascículos mensais.

2. A HISTÓRIA DO *CLUBE DO LIVRO*

Um levantamento das línguas originais das traduções publicadas pelo *Clube do Livro* resulta no seguinte quadro:

	1943-45	1946-50	1951-55	1956-60	1961-65	1966-70	1971-76
Português	11	24	24	26	25	31	34
Francês	10	13	13	13	10	7	9
Inglês	4	10	16	11	14	9	19
Russo	3	4	4	2	3	2	1
Outras	2	9	3	8	7	11	2

Autores mais publicados:

Português: Machado de Assis 22; Affonso Schmidt 21; José de Alencar 13; Willy Aureli 4; Afrânio Peixoto 3; Paulo Dantas 3; Lima Barreto 3; Bráulio Ferreira 3.

Francês: Dumas 7; Balzac 6; Verne 5, Sand 4; Flaubert 3; Hugo 3.

Inglês: Dickens 8; Stevenson 8; Scott 6; Wilde 6; London 3; Poe 3; Twain 3.

Russo: Turgeniev 6; Dostoevsky 4; Tolstoy 3; Gorki 3.

Parece que nos primeiros anos os objetivos do *Clube do Livro* eram mais sérios. Seus livros eram mais longos; muitas vezes eram reedições de traduções da Editora Martins que já haviam sido publicadas. Por exemplo, *Madame Bovary*, publicado em 1944, *Salambô* (1944) e *Eugênia Grandet* (1944) tinham todos mais de 200 páginas de impressão em letra miúda.

O *Clube do Livro* iniciou suas atividades na mesma época em que a língua inglesa começou a tomar o lugar do francês como língua estrangeira dominante no Brasil. Inicialmente, podemos ver a predominância de romances traduzidos do francês, mas esse fenômeno logo abre caminho para romances ingleses nos anos 50. Do bloqueio naval da França de 1941 até o final da Segunda Guerra, os livros franceses tornaram-se de difícil acesso, e, cada vez mais, livros dos Estados Unidos foram importados. Depois da guerra, o domínio econômico dos Estados Unidos aumentou e havia mais interesse em tudo que era americano, sobretudo através da influência do cinema. Assim, havia um interesse crescente em ficção policial e o *Clube do Livro* começou a publicar traduções de ficção policial norte-americana após 1965 (Norman Roleday, P.N. Oppenheim). Além disso, a *Editora Globo* de Porto Alegre publicara uma série bem-sucedida de traduções de escritores ingleses no fim dos anos de 1930 e a *Editora José Olympio* começou a publicar traduções do inglês no começo dos anos 40.

As traduções de obras do russo eram quase todas feitas a partir de traduções francesas já existentes. Assim, com a queda no número de traduções do francês, houve uma queda no número de traduções de obras russas.

3. O *CLUBE DO LIVRO* E O GOVERNO MILITAR

Como um número grande de suas vendas era dirigido a bibliotecas públicas, o *Clube do Livro* fazia o máximo possível para manter boas relações com o governo militar após 1964.

Em 1971, o *Clube do Livro* publicou *O Mundo de Olavo Bilac*, uma biografia de Olavo Bilac por Henrique A. Orciuoli, com Introdução de Gotfredo da Silva Telles. Esta biografia concentra-se no amor não-correspondido que Bilac nutriu por Amélia. Entretanto, a edição do *Clube do Livro* acrescenta um capítulo final que mos-

tra como Bilac, um pacifista durante a vida inteira, propôs, na época da Primeira Guerra Mundial, que o serviço militar nacional e obrigatório existisse no Brasil. A finalidade estava mais relacionada à questão cívica do que bélica. Ensinaria "cultura, trabalho, higiene, disciplina e visão", qualidades essas que iriam aumentar o patriotismo. A Introdução do livro enfatiza essas intenções. O velho sonhador torna-se o cantor da epopéia. Sem abandonar sua fé no pacifismo, o antimilitarista de antes começa a elogiar o soldado e os benefícios das virtudes cívicas. Silva Telles conta-nos que Bilac ajudou a montar a "Liga de Defesa Nacional" e que também encorajou a formação do escoterismo no Brasil. Na sua Introdução, Silva Telles pergunta-se se Bilac era contraditório e chega à conclusão de que, devido à mudança dos tempos, justificava-se que mudasse de opinião. Assim, em tempos de necessidade, o poeta apoia o militar, e há uma articulação forte entre a pena e a espada.

Essa articulação pode ser vista na publicação de *Terra Encharcada,* escrito pelo General Jarbas Passarinho (1965), um dos líderes do golpe militar, que foi Ministro do Trabalho (1967-69) e depois Ministro da Educação (1969-74). Na Introdução lê-se: "*A constante da vida do soldado e do homem público, contudo, são as letras*".

4. ILUMINISMO E PATERNALISMO

A atitude do *Clube do Livro* em relação aos escritores cujas obras publicam é de uma admiração imaculada: "*O imortal Tolstoi procura, nestas empolgantes páginas...*". De *Eugênia Grandet* de Balzac: "*É livro imortal, que perdurará através do tempos*"; a autora de *O Professor* é "*a imortal Charlotte Bronté* (sic)"; e diz de *Tempos Difíceis:* "*O culto da beleza e do amor consagra Charles Dickens como um dos maiores escritores de todos os tempos*"... "*esta cena patética e bela*"... "*comovente livro*".... "*empolgantes páginas*".... "*inimitável obra literária*" ... "*imortal Dickens*".

A atitude dos editores para com os leitores é sempre de paternalismo. Palavras pouco conhecidas ou estrangeiras e referências clássicas são explicadas. Por exemplo, em *O Professor*, há notas de rodapé explicando "*Pylades e Orestes*", "*Croesus*", "*Loth*", "*Rebecca*" e a origem da palavra "*hypocondriac*", entre outras.

Conselhos são dados: o *Clube do Livro* preocupa-se muito com os hábitos alimentares. Os editores aproveitam as referências de Charlotte Bronté em relação aos "*rudes cuidados de comer e beber*", em *O Professor,* com a seguinte nota de rodapé:

> *Por esta pequenina frase, brilhantemente traduzida por José Maria Machado, fidelíssimo, como sempre, ao difícil texto do original inglês, percebemos que para Charlotte Bronté (sic), nascida em 1816 e falecida em 1855, com apenas 39 anos de idade, comer e beber eram "rudes cuidados". Esta errada concepção vem de longe e atinge inúmeras pessoas que julgam ato inferior o indivíduo ter certo encanto pelas coisas alimentares, e que é elegante não comer ou comer pouco. Êste erradíssimo ponto de vista tem feito muitas vítimas; a própria Charlotte Bronté, talvez tenha pago com sua vida o descaso alimentar que se adivinha no que escreve. A tuberculose, que a levou tão cedo deste mundo, não teria sido conseqüência do seu erro alimentar? E suas duas irmãs não teriam, também cometido a mesma imprevidência?* (O Professor: 160).

O álcool é considerado um grande mal e os editores do *Clube do Livro* tentam corrigir a impressão que pode ser dada por certos autores de que a bebida tem efeitos benéficos. A nota de rodapé de *Tempos Difíceis* diz que:

> O *valor energético que o xerez produz no organismo humano, como no caso citado por Dickens, é devido à queima que as bebidas alcoólicas efetuam no organismo humano à custa do complexo vitamínico B e de tôdas as outras vitaminas.... o uso e abuso das bebidas alcoólicas são responsáveis pelas faixas patológicas que atingem a nossa saúde, principalmente, nos quadros clínicos das estomatites, gastrites, colites, hepatites, polinevrites, delirium-tremens, alucinações...* (Tempos Difíceis: 57)

O *Clube do Livro* até encontra uma razão médica por publicar a ficção policial, como no caso de *Uma Mulher Corre na Noite* (1965), de Norman Roleday. A *Nota Explicativa*, de Jacob Penteado, sugere que, embora o romance policial ocupe uma posição secundária na literatura, foi elogiado por psicanalistas e especialistas em doenças nervosas como sendo de grande ajuda no tratamento de estresse, atuando como válvula de escape da vida atribulada dos tempos modernos.

5. O GIGANTE GARGÂNTUA

Agora examinarei três traduções para mostrar como elementos escatológicos, estilísticos, políticos, religiosos e narrativos foram eliminados.

O Gigante Gargântua foi publicado pelo *Clube do Livro* numa "*tradução especial de José Maria Machado*" em 1961. Essa edição também tinha 19 páginas de trechos de *Pantagruel*. Numa atitude pouco comum, o tradutor admite que fez grande uso da tesoura:

> *Nessa edição para o Clube do Livro, foram aparadas todas as incongruências e ousadas liberdades do autor, com racional adaptação do texto. Os leitores não suportariam a tradução pura e simples de muitos trechos, que fomos obrigados a eliminar, por uma questão de decência e probidade.* (O Gigante Gargântua: 14-15)

Na "*Nota Explicativa*", Domingos Carvalho da Silva não compartilha o entusiasmo do tradutor em relação aos cortes que ele fez:

> *A tradução que se segue foi, como dissemos, escoimada pelo tradutor, certamente em atenção às tendências do público assinante das edições do "Clube do Livro". As passagens mais cruas e mais irreverentes foras (sic) suprimidas e, em conseqüência o colorido – que hoje se poderia chamar "engagé" – da novela, esmaeceu. Permanece ... boa parte da expressão de um livro que não sobreviveria ao tempo se não fosse, também, como obra literária, uma alta realização do espírito humano.* (O Gigante Gargântua: 11)

De fato, José Maria Machado pudoradamente elimina todas as referências ao ato sexual e às funções do corpo nas quais Rabelais se deleita. Por exemplo, uma referência direta ao ato amoroso não pode ser permitido: "*Moiennans lesquelles loys, les femmes vefves peuvent franchement jouer du serre cropière (make love) à tous enviz et toutes restes, deux mios après le trespas de leurs*

mariz" (Rabelais: Ch III: 51). As referências às funções do corpo têm de ser cortadas: "*Non obstant ces remonstrances, elle en mangea seze muiz deux bussars et six tupins. O belle matière fecale que doivoit boursouffler en elle!*" (Ibidem: Ch. 4: 57). José Maria Machado também ignora os trocadilhos e jogos de palavras como no seguinte parágrafo: "*Par mesmes raisons (si raisons les doibz nommer et non resveries) ferois je paindre un penier, denotant qu'on me faict pener; et un pot à moutarde, que c'est mon cueur à qui moult tarde; et un pot à pisser, c'est un official; et le fond de mes chausses, c'est un vaisseau de petz; et ma braguette, c'est le greffe des arrestz; et un estront de chien, c'est un tronc de ceans, où gist l'amour de mámye*" (Ibidem: Ch IX: 95). Não é necessário dizer que a tradução omite a longa lista de apelidos e eufemismos referentes ao pênis (Ibidem: 111). Funções do corpo são eufemizadas. O "*pissa*" que se refere à égua de Gargântua torna-se "*soltou águas*" (Ibidem: Ch. XXXVI: 289).

O tradutor também não tem interesse pelas variações de estilo de Rabelais. As rimas, tais como "*Chiart,/Foirart,/Petart,/ Brenons, Chappart/ S'espart/ Sus nous./ Hordous,/ Merdous,/ Esgous,/ Le feu de sainct Antoine te ard!/ Sy tous/ Tes trous/ Esclous/ Tu ne torche avant ton depart!*" são ignoradas (Ibidem: Ch. XIII: 125), assim como a lista de jogos (Ibidem: Ch. XXII: 179-185) e trocadilhos, como, por exemplo: "*Que fera cest hyvrogne icy? Qu'on me le mene en prison. Troubler ainsi le service divin! – Mais (dist le moyne) le service du vin faisons tant qu'il ne soit troublé; car vous mesmes, Monsieur le Prieur, aymez boyre du meilleur*" (Ibidem: Ch. XXVII: 229). O último trocadilho poderia ser traduzido em português como "*serviço divino*" e "*serviço do vinho*", mas é fracamente traduzido como "*serviço diário*" (O Gigante Gargântua: 67).

O uso do latim de Rabelais num trecho no qual ele zomba das relíquias sagradas e do uso excessivo de latim também é ignorado. Os peregrinos falam em latim até quando são engolidos por Gargântua: "***Cum exurgerent homines in nos, forte vivos deglutissent nos***, *quand nous feusmes mangez en salade au grain du sel*; ***cum irasceretur furor eorum in nos, foristan aqua absorbuisset nos***, *quand il beut le grand traict...*" (Gargântua, Ch. XXXVIII: 305). A versão em português elimina todo o latim.

O *Clube do Livro* não compartilha a crítica de certos elementos da Igreja feita por Rabelais. No Capítulo XL, o trecho "*Pourquoy les moynes sont refuyz du monde, et pourquoy les ungs ont le nez plus grand que les aultres*", que satiriza a vida dos monges, não consta da tradução brasileira, que tampouco inclui a proposta de Gargântua para que os devotos religosos pudessem se casar: "*Item, parce que ordinairement les religieux faisoient troys veuz, sçavoir est de chastité, pauvreté et obedience, fut constitu't que là honorablement on peult estre marié, que chacun feut riche et vesquist en liberté* (Ibidem: Ch. LII: 403)".

6. TEMPOS DIFÍCEIS

Em outro estudo, "*A Tradução de Romances Clássicos do Inglês para o Português no Brasil*" (Milton: 1995), mostrei que, até os últimos anos, as traduções de romances clássicos para o português se recusaram a aceitar qualquer tipo de linguagem de baixo padrão. Qualquer tipo de gíria e linguagem de baixo padrão foi traduzido para o português "correto", assim perdendo grande parte do seu efeito original.

De fato, a linguagem de baixo padrão é um elemento central em autores tais como Faulkner e Dickens e perdê-la na tradução é perder grande parte do original. Em *Tempos Difíceis*, a simplicidade ingênua e a bondade de Stephen Blackpool contrastam com a falta de sentimento e o calculismo de Mr. Bounderby. Stephen fala num dialeto do norte de Inglaterra:

> *"I ha' coom ... to ask yo yor advice. I need't overmuch. I were married on Eas'r Monday nineteen year sin, long and dree. She were a young lass – pretty enow – wi'good accounts of herseln. Well! She went bad – soon. Not along of me. Gonnows I were not a unkind husband to her"* (Hard Times: 110).

Esse trecho vem traduzido para um português de alto padrão:

> *"Vim ... pedir-lhe um conselho. Do qual muito preciso. Casei-me há dezenove anos na segunda-feira de Páscoa. Ela era moça nova, bonita e ninguém tinha coisa a dizer a seu respeito. Mas bem depressa deu para o mal. Não por minha culpa. Deus sabe que não fui mau marido para ela"* (Tempos Difíceis: 56.).

Meu estudo mostrou que nunca encontramos uma tentativa de recriar dialetos em nenhuma das traduções dos chamados romances "clássicos". Eu diria que a razão principal para este fato é a continuação da mentalidade das *belles indifèles* até a segunda metade do século XX.

Tempos Difíceis parece uma escolha pouco provável para um clube de livro por assinatura que tem ligações com o governo militar. Contudo, já no início da Introdução, os editores se empenham em insistir que não há nenhum tipo de mensagem revolucionária esquerdista na obra de Dickens: "*É um livro de idéias, embora não se possa denominar própriamente um livro de combate.*" *Tempos Difíceis* tem de ser distanciado ao máximo do Brasil de 1969, tornando-se um romance regional de uma época distante: *"Nele se apresenta um aspecto novo da sociedade provinciana do seu tempo, a luta surda entre o antigo e o moderno, através de uma burguesia de outras eras"* (Ibidem: 8). Em vez de ter ligações com o presente, *Tempos Difíceis* volta-se à escravidão e aos tempos escuros do passado, que foram agora suprimidos pela Convenção Universal dos Direitos de Crianças e de Homens, a libertação da escravidão, a luta contra a usura, as Nações Unidas, a igreja contemporânea ecumênica e, no Brasil, mais direitos para os trabalhadores, que existem desde 1922. Parece possível que estamos chegando perto do mundo com o qual Dickens sonhava. José Maria Machado então comenta que *Hard Times* foi uma crítica da política econômica de *laissez-faire*, dominante naquela época na Inglaterra. Mas José Maria Machado não permanece nesse possível elemento de crítica social e nunca permite qualquer comparação com as desigualdades presentes no Brasil em 1969; *Tempos Difíceis* é um livro que transcende lugar e tempo: "*é bem um livro de tese em que se apresentam problemas básicos de superior transcendência e vão além de qualquer período de atualidade*".

O texto traduzido também tem de ser modificado a fim de não dar a impressão de que *Tempos Difíceis* seja uma obra subversiva: apesar da opinião de Dickens de que uma decisão para apoiar o sindicalista egoísta, Slackbridge, seria errada, o seguinte trecho poderia ser considerado subversivo:

> *That every man felt his condition to be, somehow or other, worse than it*

might be; that every man considered it incumbent on him to join the rest, towards the making of it better, that every man felt his only hope to be in his allying himself to his comrades by whom he was surrounded; and that in this belief, right or wrong (unhappily wrong then), the whole of that crowd were gravely, deeply, faithfully in earnest; must have been as plain to any one who chose to see what was there, as the bare beams of roof, and the whitened brick walls. (Dickens: 171).

Na tradução, a idéia de unidade e ação de massa se perde. O erro que cometem fica mais claro.

> *Toda aquela multidão acreditava, com uma fé grave, profunda e sincera, na conclusão, certa ou errada (errada desta vez, infelizmente), a que [Slackbridge] chegara.*

De uma maneira semelhante, "*the slaves of an iron-handed and grinding despotism*" (Dickens: 169) torna-se o vago "*trabalhadores e companheiros*" (*Tempos Difíceis*: 90). E a Introdução enfatiza que *Tempos Difíceis* **não** é "*um livro de combate*".

Mudanças que aparentemente são absurdas também podem ser notadas. A tradução do *Clube do Livro* de *Silas Marner* muda o nome do casarão de Squire Cass de "*Red House*" (Eliot: 96) para "*Casa Amarela*" (*O Tesouro de Silas Marner*: 66), provavelmente para evitar a impressão de que a obra poderia ter tido qualquer tipo de intenção revolucionária e de que o casarão poderia ter sido um *bunker* comunista! Porém, mais seriamente, a censura era tão forte quando esta tradução foi publicada (1973) que qualquer livro que mencionasse um país socialista no seu título, ou que fosse escrito por um autor cujo nome lembrasse o russo, ou até mesmo se o livro tivesse a capa vermelha corria o risco de ser apreendido pela polícia estadual ou federal (Halliwell: 483)

7. O PROFESSOR

Além de *Gargântua*, *O Professor* é a única tradução publicada pelo *Clube do Livro* na qual o tradutor admite que omitira alguns dos longos trechos descritivos. Vamos examinar mais de perto se são somente esses longos trechos descritivos que foram omitidos. Alguns dos trechos omitidos são principalmente descritivos tais como a descrição de Crimsworth de seu quarto no Capítulo 7, de sua caminhada por Bruxelas no mesmo capítulo e a descrição física de suas alunas no Capítulo 12. Também os monólogos interiores de Crimsworth são muitas vezes eliminados, como, por exemplo, o do Capítulo 1, no qual discute a tentativa que faz para ganhar sua própria vida, suas opiniões de Hunsden no Capítulo 4, e o desgosto por seu emprego no Capítulo 5. Mas também podemos encontrar outros elementos muito claros omitidos na tradução de José Maria Machado. Crimsworth/ Charlotte Brontë demonstra um anticatolicismo claro e intolerante: a Bélgica é a terra do papismo, que torna seus habitantes mentirosos, "contadores-de-estórias" e desonestos. São eliminados todos os comentários francos no original, tais como: "*I know nothing of the arcana of the Roman Catholic religion, and I am not a bigot in matters of theology, but I suspect the root of this precious impurity, so obvious, so general in Popish countries, is to be found in the discipline, if not the doctrines of the church of Rome*"(Brontë: Ch. XII, p.84); "*Sylvie was gentle in manners, intelligent in*

mind; she was even sincere, as far as her religion would permit her to be so..."(Ibidem: Ch. 12: 87); "*I was no pope. I could not boast infallibility*" (Ibidem: Ch. 20:165).

Parece que José Maria Machado se esforça para assegurar que nenhum leitor seja ofendido cortando referências às idéias deterministas de Charlotte Brontë: "*...a band of very vulgar, inferior-looking Flamandes, including two or three examples of that deformity of person and imbecility of intellect whose frequency in the Low Countries would seem to furnish proof that the climate is such as to induce degeneracy of the human mind and body...*" (Ibidem: Ch. 12: 86). A tradução corta qualquer referência aos flamengos como uma raça inferior: "*Flamands certainly they were, and both had the true physiognomy, where intellectual inferiority is marked in lines none can mistake; still they were men, and, in the main, honest men...*" (Ibidem: Ch. VII: 58). De fato, todos os trechos que mencionam as características nacionais são eliminados. Quando M. Pelet fica bêbado e insulta Crimsworth no Capítulo 22, a descrição de Pelet como "*a thorough Frenchman, the national characteristic of ferocity had not been omitted*" é omitida. O mesmo acontece com as nacionalidades em "*French politeness, German goodwill, and Swiss servility*" (Ibidem: Ch. 24: 210). Os comentários típicos dos Radicais de Hunsden sobre a pobreza e a opressão na Inglaterra também desaparecem. Os trechos omitidos estão destacados em negrito:

> "*Examine the footprints of our august aristocracy;* ***see how they walk in blood, crushing hearts as they go.*** *Just put your head in at English cottage doors;* ***get a glimpse of famine crouched torpid on black hearthstones; of Disease lying bare on beds without coverlets, of Infamy wantoning viciously with Ignorance,*** *though indeed Luxury is her favourite paramour, and princely halls are dearer to her than thatched hovels*" (Ibidem: Ch. 24: 208)

Sugiro duas razões que podem justificar as omissões referidas. A primeira é que o *Clube do Livro* queria ser politicamente correto *avant la lettre*, tentando não ofender as sensibilidades religiosas de seus leitores. A outra é que, embora não houvesse censura religiosa quando essa tradução foi publicada, em 1958, tal sensibilidade podia ainda ter permanecido nos primeiros anos do Estado Novo (1939-1945), quando a Igreja Católica desempenhou um papel importante no aparato governamental da ditadura nacionalista de Getúlio Vargas, que foi baseada, em grande medida, na ditadura de Mussollini, com uma forte censura religiosa.

Grande parte do diálogo no original que acontece em Bruxelas está em francês. Em muitas seções, Charlotte Brontë começa em francês e muda para o inglês. Não é de se surpreender que, como a tradução é dirigida a um mercado não-acadêmico, o francês é completamente ignorado. José Maria Machado muda as muitas vozes do original numa tradução monológica e homogeneizada. O Capítulo 23 tem dois poemas: um trecho de uma balada de Sir Walter Scott e a balada romântica originalmente escrita por Frances e traduzida por Crimsworth. Uma tradução em prosa da primeira balada é incluída, mas a segunda é ignorada. Uma característica narrativa que está faltando na tradução é a metanarrativa na qual a autora sai da narrativa e apela ao leitor, como, por exemplo, no começo de Capítulo 14: "Know, O incredulous reader! ..."

8. CONCLUSÕES

Em *A Ideologia e o Estado*, Louis Althusser elabora o conceito de AIEs, os Aparatos Ideológicos do Estado, que se referem a instituições que embora não recorram ao uso da força (como a polícia, o exército, por exemplo), estão a serviço do Estado para divulgar e propagar suas ideologias. É o caso da igreja, da família, da escola, dos meios de comunicação de massa. Embora o escopo do *Clube do Livro* nunca pudesse ser comparado à influência da *Rede Globo*, por exemplo, ele pode ser igualmente visto como estando a serviço dos AIEs do estado do governo militar brasileiro. Muitos brasileiros tiveram seu primeiro contato com a "literatura" através do *Clube do Livro*. Se tivessem lido os prefácios, veriam que a "grande" literatura é fora do tempo, maravilhosa e totalmente despreocupada com assuntos sociais mundanos. E quando leram os próprios textos traduzidos, embora tivessem sido um pouco surpreendidos pela monotonia da linguagem, a idéia da pureza da "grande" literatura, não-manchada pela crítica social, pelo anticlericismo, ou pela linguagem de baixo padrão, com certeza seria comunicada. Tinha-se a impressão de que nenhuma dúvida podia aparecer, que a situação era perfeita. Nas palavras de Thomas Skidmore, o Brasil aparecia como "*uma nação dinâmica e eficientemente governada sob a liderança dos militares, avidamente apoiada pela cidadania*" (Skidmore: 267).

BIBLIOGRAFIA

– Versões originais e traduções:

Hard Times (1982) Charles Dickens. Penguin, Harmondsworth.

Tempos Difíceis, (1969), tr. José Maria Machado. São Paulo, Clube do Livro.

As Viagens de Gulliver (1956), tr. José Maria Machado. São Paulo, Clube do Livro.

Madame Bovary (1944), no translator. São Paulo, Clube do Livro.

Salambô (1945), no translator. São Paulo, Clube do Livro.

Eugênia Grandet (1945), no translator. São Paulo, Clube do Livro.

Silas Marner (no date) George Eliot. Boston, Allyn & Bacon.

O Tesouro de Silas Marner (1973), tr. e adaptação de Aristides Barbosa e Henrique J. Delfim. São Paulo, Clube do Livro.

Uma Mulher Corre na Noite (1965) Norman Roleday. São Paulo, Clube do Livro.

Terra Encharcada (1968) Jarbas Passarinho. São Paulo, Clube do Livro.

O Mundo de Olavo Bilac, (1965) Henrique A. Orciuoli. São Paulo, Clube do Livro.

The Professor (1955) Charlotte Brontë. London, Dent.

O Professor (1958), tr. José Maria Machado. São Paulo, Clube do Livro.

Gargantua (1965) François Rabelais. Paris, Gallimard.

O Gigante Gargântua (1961), tr. José Maria Machado. São Paulo, Clube do Livro.

– Outras:

ALTHUSSER, L. (1971) *Ideology and the State*, In: *Lenin and Philosophy and Other Essays.* New York, New Left Books.

BAKHTIN, M. (1990) *Questões de Literatura e de Estética.* São Paulo, UNESP-Hucitec.

HALLIWELL, L. (1982) *A História do Livro no Brasil.* São Paulo, Queiroz and EDUSP.

MILTON, J. (1995) *A Tradução de Romances 'Clássicos' do Inglês para o Português no Brasil,* In: *Cadernos de Lingüística Aplicada.* Campinas, UNICAMP, nº 24, p. 19-34.

SKIDMORE, T. (1988) *Brasil: de Castelo a Tancredo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra.